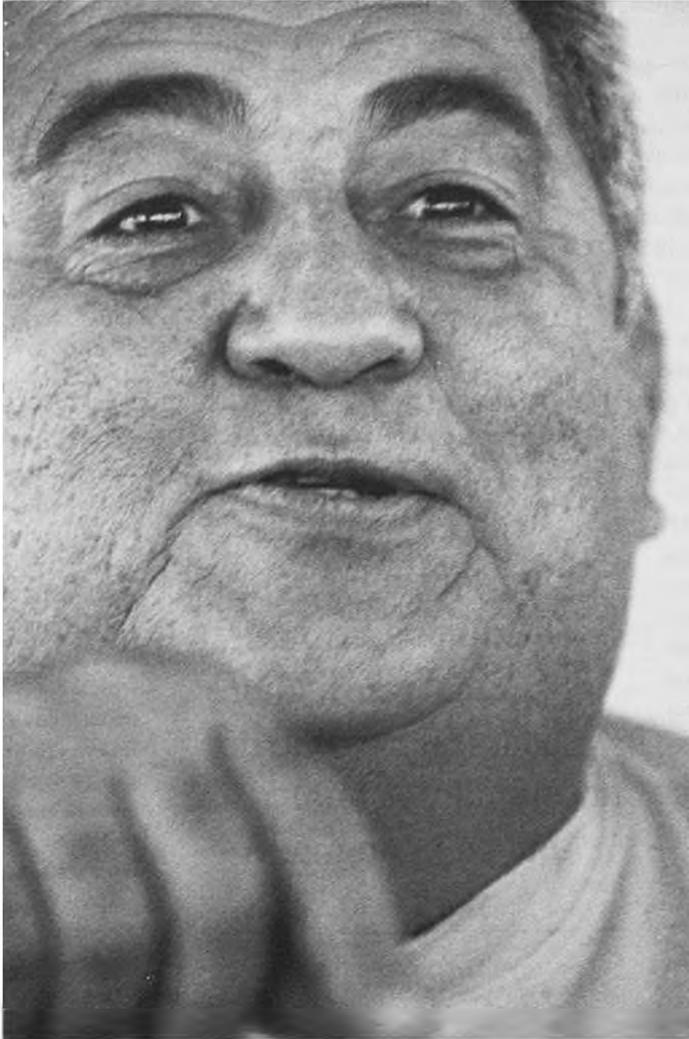


SEBASTIÃO BELMINO

O riso mais franco da TV esconde lágrimas de um coração verdadeiro



U principal patrimônio de Sebastião Belmino é seu público cativo, conquistado durante duas décadas por seu estilo único de apresentação.

que não é. A fala atropelada é a mesma, o jeito despachado, igual. A bancada de TV é seu *habitat* tanto quanto as mesas de bar que frequenta, o assento do avião que gosta de pilotar. Nada ali é fabricado, artificial ou encenado com antecedência.

Com Belmino, tudo parece acontecer de improviso, de surpresa. Ele mesmo admite que a espontaneidade, antes de ser um estilo, é sua grande virtude. O que pode parecer displicência é na verdade confiança absoluta no que faz. Ele sabe que a melhor forma de alcançar o outro é através da transparência, da igualdade no tratamento e não tem medo de errar.

O telespectador é um semelhante, um amigo com quem troca idéias no ar como quem bate papo na calçada. Belmino se mostra um homem comum, e isso o torna especial para o público. A identificação é imediata, e não há mais como separar a imagem do apresentador do retrato do cidadão.

A quem tem a oportunidade de conhecê-lo, Belmino demonstra um dom raro, que é o de conseguir deixar seu interlocutor à vontade logo no primeiro contato. Vai direto ao assunto com uma naturalidade que impressiona e com a simplicidade de quem é autêntico. Percebe as características individuais e trata cada um como manda a intuição.

O efeito é imediato. A descontração toma conta do ambiente e se tem a sensação de que a conversa poderia durar horas e versar sobre os mais variados assuntos, até os mais íntimos. Assumindo um lado sentimental e saudosista, ele se revela por inteiro nos detalhes de sua existência.

Assim foi o nosso papo com ele, que vocês terão a oportunidade de ler nas páginas que se seguem. Os risos e as gargalhadas foram a tônica daquela tarde de segunda-feira e não poderia ter sido de outra forma. A graça natural de Belmino preencheu o salão onde estávamos como uma onda de energia positiva, de alegria, de celebração da vida, que, às vezes, levamos tão a sério que esquecemos de como temos motivos para ser felizes.

Mas a uma hora e meia de entrevista não foi só de amenidades, pois a alma de brincalhão também sofre. Teria sido impossível ignorar a emoção e a tensão evidentes nos momentos em que da boca antes risonha saiu voz trêmula e sentida, indifensável sinal de humanidade.

Quando convidado para ser entrevistado para esta edição, Belmino aceitou de pronto e disse se sentir orgulhoso de ter sido escolhido por uma turma de Comunicação Social, já que nunca frequentou o curso, apesar de passar a vida fazendo televisão. Besteira muita, meu querido macho "véi". Orgulhosos estamos nós, que pudemos compartilhar de ti e que agora te oferecemos a todos a partir da próxima página.

Opovo feio o adora. Os bonitos, os ricos, os pobres, também. Aliás, a coisa mais difícil do mundo é alguém não simpatizar com este cabra. Também, pudera. O homem está sempre com um sorriso aberto, não fica um minuto sem fazer uma piada, contar uma história divertida, brincar com a cara de alguém ou simplesmente falar uma besteira qualquer para você morrer de rir.

Quem não o conhece vai até pensar que estou falando de algum palhaço ou humorista, mas não. Falo de Sebastião Belmino, uma pessoa que sabe fazer graça como ninguém, mas também sabe chorar como poucos e estender a mão ao próximo como menos gente ainda. É dele o riso mais franco da televisão e também a lágrima mais sincera, o carinho mais verdadeiro.

Muita gente tem dúvida se o Belmino apresentador é um personagem. Posso lhe garantir

Entrevista com Sebastião Belmino, dia 28/06/99.

Produção, redação, edição e texto final:

Arthur Ferraz, Daniel Brandão e Fernando Lira.

Texto de Abertura:

Arthur Ferraz

Participação:

Alessandra Marques,

Amauri Arrais, Arthur

Ferraz, Clarisse Furlani,

Daniel Brandão, Fernando

Lira, Galciani Neves,

Gildicelli Alencar e

Patrícia Costa.

Foto: Igor Câmara.



O apresentador nasceu e se criou na rua Tibúrcio Cavalcante, na Aldeota, na casa onde hoje funciona o hospital Neurocentro, dirigido pelo irmão dele, Flávio.

Arthur - Belmino, você cresceu numa família de boa condição financeira, estudou em colégio particular, mas passou a sua infância dividida entre a cidade, entre a Aldeota (um dos mais importantes bairros de Fortaleza, hoje de caráter residencial e comercial) e o interior. O que ficou de mais marcante para você neste período da sua vida?

Belmino - Uma infância que naquele tempo se tinha muita liberdade. Você tinha liberdade para fazer aquilo que tudo que você queria, mas com uma determinada responsabilidade e segurança que hoje ninguém tem, né? Tinha uma facilidade muito grande de se deslocar por toda aquela Aldeota que nós vimos nascer todinha com uma segurança que hoje não existe nem dentro de casa. Então, naquele tempo, a gente tinha essa facilidade muito boa, e eu tive a sorte de morar numa rua onde nós fizemos grandes amigos, ali era uma verdadeira família, porque a maior parte dos pais dos meus amigos eram amigos. Fortaleza era uma cidade pequena, então as pessoas se conheciam. Aquilo facilitou bastante a integração de todos nós ali na (rua) Tibúrcio Cavalcante. Foi uma época muito boa.

Arthur - E do período que você passou no Interior? Seu pai era juiz no Interior, vocês viajavam muito, especialmente para Morada Nova, não é? Como é que você lembra desse período no interior?

Belmino - No interior a gente ia muito para passar férias. Férias do meio do ano, férias fim de ano. Algumas vezes eu visitei algumas comarcas do papai, eu fui a Tauá (município cearense localizado na região dos Inhamuns, a 337 km de Fortaleza), Pentecoste (município localizado a 86 km da capital)... Mas não era bom não, ser filho de juiz em comarca do interior não era muito legal não. Vou lhe contar um fato aqui de Morada Nova (localizada na região do Vale do Jaguaribe, no centro-sul do estado, a 163 km de Fortaleza). Papai era juiz do Frade, que depois se transformou em Jaguaratama, (na mesma região a 241 km de Fortaleza) e estava respondendo por Morada Nova. Uma noite nós estávamos fazendo uma serenata no patamar da igreja, e o juiz tinha proibido serenata na cidade, porque fazia muito barulho, aquela coisa toda... Eu devia ter de 19, 18 anos, e nós estávamos fazendo serenata no patamar da igreja e dois soldados

chegaram e disseram que o juiz tinha proibido serenata. Aí eu disse: "Rapaz, só pode ser um juiz muito do corno um cara que faz um negócio desse, porque proibir música, é um juiz merda", esculhambeci... "Rapaz, você tá preso por desacato a autoridade, mas como vocês são tudo de menor eu vou levar só o violão". Aí levou o violão. Quando foi no outro dia de manhã - tinha que pegar o expresso para voltar - eu fui buscar o violão. Naquele tempo o delegado da cidade era um sargento, geralmente. Aí eu fui, me identifiquei pra levar o violão de volta. Ele pediu então a minha carteira de identidade para anotar, e quando olhou o meu nome... "Você continua dizendo que o juiz é imbecil?" Aí eu disse: "E corno". "E o que que você é do doutor Raimundo Belmino?" Eu disse: "Putá que pariu, é meu pai". "Pois esse juiz cor-

“ (...) eu cansei de começar a namorar as meninas e as mães dizerem: “Não namore não que ele é filho de desquitado” A minha mãe nunca ligou muito para isso.”

no é seu pai” (risos).

Daniel - Seu pai era juiz no interior e sua mãe sempre morava aqui em Fortaleza, na (rua) Tibúrcio Cavalcante. Você sempre morou aqui com sua mãe, porque ela sempre afirmou que o mais importante para você era estudar. Você preferia ter morado no interior naquela época ou ter ficado aqui na capital?

Belmino - Não, eu preferia ter ficado por aqui mesmo. Eu era muito mais apegado à minha mãe do que ao meu pai. Para você morar no interior naquele tempo era muito difícil, tudo era muito longe, quando no interior tinha um ginásio era muito. E eu era muito mais ligado à mamãe também e tinha o problema de estudar, e eu preferi ter ficado por aqui. Uma vez eu até disse ao papai que queria morar com ele, com 18, 19 anos, por aí. Ele disse que não, que Fortaleza é que tinha condições da gente viver, estudar... Mas eu não me arrependo não, eu vivia muito bem aqui. Era muito bom, aqui era o interior, Fortaleza era um interior muito bom.

Arthur - Belmino, ainda na sua adolescência os seus pais se separaram. Como era, naquela época, início dos anos 60, ser filho de uma família separada?

Belmino - Rapaz, era difícil demais! Hoje é comum, mas no meu tempo não era. Você era muito marcado. Por exemplo, eu cansei de começar a namorar as meninas e as mães dizerem: "Não namore não que ele é filho de desquitado". A minha mãe nunca ligou muito para isso não, ela era uma mulher muito independente, mas a gente notava que onde ela chegava as pessoas ficavam meio... porque ela era uma mulher desquitada. Isso acontecia por um problema cultural nosso. O homem não, o homem sempre passou numa boa como separado, mas a mulher sofreu muito, e eu no início para absorver aquilo sofri muito, porque eu notava que a gente era discriminado.

Alessandra - Como é que você reagia a esse comportamento das pessoas?

Belmino - Eu sempre tive uma autodefesa de brincar, de frescar com a cara dos outros para poder me autodefender. Então eu levava aquilo na esculhambação, não ligava muito não, e mesmo as pessoas que eram minhas amigas realmente não diziam nada, então eu só me divertia com as pessoas mais longe... Então, eu procurava não andar naqueles locais que eu notava que existia uma certa discriminação. Tocou, mais não muito. Não era por causa disso que ia tomar Lexotan, não (risos).

Galciani - A gente sabe que criança é muito curiosa e quando os seus pais se separaram você tinha doze anos.

Belmino - Eu tinha dez.

Galciani - Você tinha curiosidade de saber por que eles se separaram, você cobrava isso da sua mãe ou do seu pai?

Belmino - Eu nunca tive essa preocupação de saber, porque apesar de toda vida eu e minha mãe sermos muito amigos, a gente conversava muito, mas existiam certas barreiras. Mas eu comecei a notar que foi porque uma época que meu pai foi para o interior... Porque naquele tempo tudo era muito longe, e o papai exigiu, entre aspas, que a mamãe o acompanhasse pro interior com a gente. Ela se recusou dizendo que não ia pro interior porque tinha que criar os meninos, que tinham que estudar. Eu acho que partiu daí o princípio da

Belmino tem três irmãos do primeiro casamento do pai: Marcos, César (já falecido) e Flávio. Do segundo casamento do pai nasceram Vilma, Valéria e Vanda.

separação deles. Mas eu nunca perguntei não, porque naquele tempo, menino não tinha essa moral toda para perguntar as coisas, tinha que ficar no canto dele.

Clarisse - *É isso mudou o seu relacionamento com o seu pai ou com a sua mãe?*

Belmino - Não, não, não de jeito nenhum. Acho que com o papai até melhorou, a gente ficou mais amigo, porque ele era muito fechadão, e quando ele vinha a Fortaleza ficava hospedado num hotel e a gente ficava junto.

Gildicelli - *E como era o relacionamento com a sua mãe? Na pré-entrevista você falou que ela foi a primeira mulher que usou calça comprida em Morada Nova. Ela era uma mulher à frente do seu tempo?*

Belmino - Era. Mamãe foi funcionária pública na Secretaria de Segurança Pública, então mamãe andava armada, com um revólver na bolsa, andava de calça comprida. Enquanto em Morada Nova nas férias o mulhério montava a cavalo de lado, a Dona Hilda botou uma calça comprida e se escanchou em cima de um cavalo, foi uma aberração em Morada Nova, foi motivo até do sermão do padre na igreja, meu avô quase morreu do coração, papai ficou putó... A mamãe tinha uma filosofia bem à frente das coisas, quando o pessoal dizia que a gente estava por aí, se agarrando com as empregadas, ela dizia: "Meus cavalos estão soltos, quem tiver suas éguas que prendam" (risos).

Clarisse - *Foi a sua mãe que frustrou o seu sonho da aviação. Como foi isso?*

Belmino - Foi. Eu sempre gostei muito de aviação, talvez dado um tio que estudou lá em casa e foi para a Força Aérea. Quando eu terminei o científico, 17 anos mais ou menos, eu fiz a prova para a Academia da Força Aérea. Fiz por fazer, sabia lá que ia passar porra nenhuma... Tirei o terceiro lugar. Um dia nós estávamos almoçando e chegou um envelope bonito (mostrando entusiasmo ao lembrar), amarelão, Ministério da Aeronáutica. E ela abriu, quando olhou, olhou pra mim, rasgou e disse: "Eu não tenho filho para morrer de desastre de avião", e ficou por aquilo mesmo. Passei dois dias triste, chorei como o diabo, eu reclamei muito e ela disse que eu perguntasse ao papai. Papai era juiz em Tauá, e daqui para Tauá naquela época era o mesmo que daqui para Manaus. Não

tinha telefone, e o meio mais rápido era um telegrama, e assim mesmo demorava uns dois dias. Eu ainda mandei este telegrama para ele, só que não deu nada como resposta, acho que por medo da dona Hilda. Essa frustração passou e, quando eu arranjei emprego, eu fui para o Aero-oclube, tirei brevê de piloto monomotor, piloto fuleragem, mas tive a satisfação de voar. Hoje eu me arrependo de ter ficado chateado aqueles dois dias, porque eu tenho amigos comandantes e eu não queria ter a vida deles mais não. É uma vida muito sacrificada, você não pode nem tomar uma. (risos)

Alessandra - *Pelo material da produção, foi seu irmão que te levou para a televisão. Eu queria então que você falasse um pouco do seu relacionamento com ele, do significado dele na sua vida pessoal e*

“Naquele tempo, a televisão tinha viado para caralho, onde você olhava tinha um baitola, era uma confusão monstra (...) Atacavam aqueles meninos bonitos e eu era bonito para caralho.”

profissional.

Belmino - Eu era torcedor doente de ir de ônibus para o estádio, e eu vivia liso e a mamãe não tinha dinheiro para dar para a gente, e o Poinhonon, que é o Marcos Belmino, trabalhava lá na TV Ceará, (antiga TV Ceará Canal 2, dos Diários e Emisoras Associados, hoje extinta) era chefe da contra-regra, aquele pessoal que quando tem novela arruma as mesas... Um dia ele me chamou e disse: "Bicho, por que que tu não vai pra televisão de tarde, tu não faz porra nenhuma? Tu vai lá de tarde pra televisão pra tu ficar aprendendo e me ajudando". Fui pra lá. Comecei a ficar como contra-regra, aí apareceu uma brecha e eu fiquei pregando cortina. Tinha as novelas, as entrevistas e eu fiquei por lá. Naquele tempo a televisão tinha viado pra caralho, onde você olhava tinha um baitola, era uma confusão monstra! Ele foi muito importante não só pra me levar pra na televisão, pra mim não ficar baitola e pra me defender dos baitolas que tinha na época, eles

eram perigosíssimos, rapaz. Atacavam aqueles meninos bonitos e eu era bonito pra caralho (risos).

Amauri - *Em 65 você já foi contratado como assistente de estúdio na TV Ceará. Qual era exatamente a sua função naquilo que você fazia?*

Belmino - Assistente de estúdio é uma profissão muito da escrota. Pelo seguinte, você representava o diretor da estação no estúdio. Fazia o elo de ligação entre o diretor de imagem e os atores. Por exemplo, se vai entrar um ator em cena, você é quem manda entrar. A iluminação não está boa, você tem que mandar ajeitar de acordo com o que pedem lá em cima. Mas a função pior do assistente de estúdio é ter que botar o pessoal pra fora do estúdio. Eu me lembro bem quando o Roberto Carlos (cantor e compositor) veio aqui pela primeira vez, tinha um bocado de menina bonita e eu também bonito doido pra paquerar, né? Nessa época a gente usava um fone e quando foi começar o programa, o diretor de TV, que era o Aderson Maia, o Dedeco, hoje presidente do sindicato (dos radialistas), mandou botar as meninas pra fora do estúdio e eu tive que botar. Teve uma que quando foi saindo olhou pra mim, eu pensava que estava abafando, ela disse: "Esse porteirinho é fresco como o diabo!" (risos)

Patrícia - *Belmino, você disse na pré-entrevista que naquele tempo as pessoas, diferente de hoje, faziam questão de não querer te derrubar. Quais as diferenças que você aponta?*

Belmino - Antigamente, na TV Ceará, você tinha os maiores talentos da televisão cearense, estavam todos lá, não só da televisão, mas também do rádio, o pessoal que fazia rádio, teatro estava, todos, lá. João Ramos (ator e ex-diretor industrial do Diário do Nordeste, um dos pioneiros da televisão no Ceará, já falecido), Dora Barros, (atriz) o próprio Renato Aragão (comediante da Rede Globo) que estava começando em 1963, com (o programa) Domingo Alegre, Emiliano Queiroz, (ator da Globo) então aquele povo que trabalhava na época ali eram muito decentes em relação ao povo que veio surgindo, entendeu? Então toda vida, além de ensinar, eles tinham boa vontade, coisa que eu noto hoje bem diferente. Eu noto, inclusive, a receptividade que tem com todos vocês quando estão fazendo estágio nas es-



Belmino cursou todo o primeiro grau no Colégio Christus. Em 64, no entanto, a escola aboliu o curso científico e ele terminou o 2º grau no colégio Joaquim Albano.

O diretor do Christus na época, Roberto Carvalho Rocha, tomou a decisão de acabar com o científico alegando a presença de muitos alunos comunistas.



Entre os "comunistas" identificados pelo diretor, estavam o cartunista Mino e o empresário, hoje secretário de Governo, Assis Machado Neto.

tações de televisão ou jornal, logo no início, vocês ficam meio de escanteio, pouca gente diz assim: "Bicho, seja bem vindo aqui! Tá legal?" A negada fica nos seus cantos ali, e de repente até um metido a bosta com medo de perder o emprego pra vocês pede logo você buscar um café pra ele, que é pra desmoralizar. (O que era feito na época que a gente começou ali eram os trotes de sacanagem, né? Por exemplo, depois que você se "aprumava" por ali, chamava um contra-regra daquele e dizia: "Bicho, vai lá em cima pegar um martelo de desamassar filme, aí o pobre do abestado chegava lá em cima na engenharia, com um diretor técnico valente que só uma porra, e dizia: "Seu Normando, eu vim aqui buscar um martelo de desamassar filme". Aí ele: "Deixa de ser imbecil!" e dava um cagaço no pobre, né? Mas em relação ao resto, eles eram muito legais, diferente do que eu vejo hoje e que vi na (antiga rede) Tupi já, de você desligar equipamento, desregular câmera pra derrubar o operador, mas naquele tempo, não. Eles eram muito mais decentes, mais amigos com o pessoal que estava começando do que o pessoal de hoje. Mas tem cara que, inclusive, tem medo de trabalhar com pessoas boas. Gosta de trabalhar sempre com pessoas de nível inferior a ele para aparecer ou então por medo de perder o emprego. Naquele tempo, quando chegava um estagiário, a primeira coisa que a negada fazia era logo levar o cara pra tomar uma pra ver se ele era gente boa. Se ele não bebesse não merecia muita confiança não, né? (risos)

Clarisse - Belmino, a televisão chegou no Ceará no comecinho da década de 60, em 64 você já estava trabalhando e acabou vendo o nascimento da televisão daqui por trás das câmeras e do outro lado da tela também, que na tua infância não tinha televisão. Como é que foi isso, você perceber esse processo dos dois lados, assistir à programação e fazer a programação?

Belmino - Lá em casa só foi ter televisão em 64, por aí, preto e branca, bichona aquela monstra, marca Invictus, ela abria umas asas assim de lado (risos). Cabia um cabra em pé dentro daquela bicha (risos). Vivia pifando e o pior de pifar naquele tempo era o técnico lavar pra casa, aquilo era um filho da puta ladrão, porque nunca tinha a peça adequada, né? É tanto que a negada dizia: "Não deixa ele levar pra casa não que ele vai tro-

car as peças", não tinha esse negócio, né? Mas aí eu comecei a ver televisão e achei aquilo diferente...

Eu via muito cinema, muito filme, a única diversão que a gente tinha era o cine Ventura (cinema que funcionava nos anos 60 e 70 na Av. Barão de Studart) e fui lá olhar, quando cheguei lá e vi, eu achei aquilo totalmente bonito demais, umas coisas incríveis! E comecei a participar daquilo ainda por fora de ser funcionário, comecei a ajudar por ali e comecei a ver que a televisão é um mundo mágico e muito mentiroso, né? É enganador, porque quem trabalha em rádio, televisão e jornal, com raríssimas exceções, ele tem uma aparência econômica, as pessoas de fora pensam que a gente ganha muito bem. Na hora de fazer o crediário, por exemplo, é uma beleza, eu pelo menos minto pra caralho. Chega o cara do crediário e fa-

"(...) quando chegava um estagiário, a primeira coisa que a negada fazia era logo levar o cara pra tomar uma pra ver se ele era gente boa. Se não bebesse não merecia confiança".

la assim: "Belmino, eu sei que tem o problema do imposto de renda, mas quanto é que eu boto aqui quanto você ganha?". "Não, homem, bote, não". "Eu posso botar doze mil?". E vinha bem aqui pra eu dizer (aponta para o pescoço): "Seu égua, se eu ganhasse doze mil, eu fazia crediário, porra nenhuma!" Uma vez, eu fui fazer um crediário na relojoaria Cruz de Ouro, a mulher me perguntou, pediu uma coisa ridícula que ainda existe hoje: "Me dê o nome de três pessoas conhecidas". Aí eu disse: "Xuxa, Pelé e Rivelino!" (risos) Mais conhecidos do que esses, não existe. Mas (a televisão) é um mundo místico que a gente se apaixona. Quem entrar em televisão, dificilmente vai sair, porque é um mundo muito místico de fantasia, mas é legal.

Galciani - Belmino, você acabou de dizer que a televisão é um mundo místico, que todo mundo se fascina. Você não ficou um pouco deslumbrado, porque muito novo começou a trabalhar na TV vendo toda a produção, seus amigos não começaram

a lhe tratar diferente por isso?

Belmino - Não, pelo contrário. Tinha um negócio gozado no tempo que, antigamente, trabalhar na televisão, na TV Ceará, as meninas, as garotas propaganda, eram garotas de programa e nós que trabalhávamos éramos tidos como viados, todo mundo era viado... Mas não, isso nunca me deslumbrou não, é por isso que eu digo que eu tenho 35 anos dentro de uma estação de televisão, eu vi desde o começo até hoje, então televisão para mim, eu me acostumei com ela. Nunca me mascarei com isso. A televisão é uma coisa comum, como é o dia-a-dia na minha casa.

Arthur - Como é que foi a aceitação por parte da sua família, no caso você entrou na televisão ainda com 15 anos, estava no colégio e depois foi ficando, foi ficando... Como é que foi a aceitação em casa?

Belmino - A princípio, papai não queria não, porque ele dizia que eu ia ficar igual o Poinhoim, o Marcos, que só fez até a quarta série ginásial e depois largou por causa da televisão. Mas eu sempre paralelo à televisão, estudava. Estudava de manhã e na televisão ficava de tarde e de noite, mas o papai não gostava não, tanto que ele me mandou ir para o Rio de Janeiro fazer vestibular de medicina e no lugar de fazer vestibular de medicina, fui trabalhar na TV Tupi. Passei 40 dias no Rio de Janeiro na Tupi, bebendo cachaça e passeando naquelas escolas de samba. Mas papai achava que televisão não tinha muito futuro não.

Galciani - Mas você achava que ia seguir carreira já?

Belmino - Achava também que não, achava que ia chegar a um ponto... Porque a grande história é que nós nunca acreditamos que a TV Ceará acabasse, a TV Ceará seria a Globo hoje, entendeu? Então você ali dentro, como nós não tínhamos tempo pra nada, todo mundo, praticamente, se casou ali dentro, namorava ali dentro, todo mundo vivia ali dentro e ninguém acreditada que aquilo iria acabar um dia. E (achava) que hoje, a TV Ceará seria a TV Ceará ainda, dando emprego a todo mundo, com programação ao vivo, que não ia faltar emprego pra ninguém. Quando veio o vídeo-tape, aí desempregou o povo todo, aí foi uns "panaviado" de gente pra todo canto, uns foram embora para o Rio de Janeiro, outros foram para Belém, aí separou todo mundo.

Mas eu achava que quando veio o vídeo tape, a televisão tinha se aca-

Belmino nunca cursou uma faculdade de Comunicação Social. Ele se formou em Educação Física na Unifor e abandonou o curso de História na Uece.

bado. Foi quando surgiu o canal 10 (TV Verdes Mares, do grupo Edson Queiroz, integrante do Sistema Verdes Mares de Comunicação, afiliada da Rede Globo) e eu fui pra lá como diretor de TV. Aí criei alma nova e decidi que eu ia seguir a carreira na televisão, agora numa função que não vai acabar que é direção de TV, vai existir suíte a vida toda, enquanto existir televisão vai existir diretor de imagem. Eu achei que tinha que continuar naquilo, até porque não tinha mais tempo de voltar e fazer outra coisa.

Arthur - Belmino, no começo da televisão, você trabalhou com gente, aqui na TV Ceará, como Renato Aragão, Emiliano Queiroz, que depois fizeram sucesso nacional. Vocês trabalhavam num sistema ao vivo, como era trabalhar com gente dessa qualidade e nesse sistema de funcionamento?

Belmino - Eu acho que é por causa deles é que eu gosto de fazer meu programa ao vivo. Eu acho que quando eu gravo eu perco muito da minha... eu deixo de ser Belmino quando eu gravo. Não gosto de gravar não, eu gosto de programa ao vivo. Acho programa ao vivo hoje não tem mais sentido, né? Não faz mais sentido fazer nada ao vivo hoje não, por causa da qualidade global. Porque quer queira, quer não, a melhor qualidade da televisão brasileira ainda é a Globo. Eu tenho minhas broncas quanto à TV Globo pelo fator de ela absorver a parte cultural todinha de uma região e esquecer as regionais. Mas a TV Globo hoje é uma das maiores estações do mundo. Eu acredito que a Globo deve ser a terceira do mundo se não for a segunda, pela qualidade, principalmente em novelas, né? Então, a televisão para mim ainda é o meu trabalho, o meu divertimento. Já pensou se eu fosse um caixa de banco, já pensou que coisa ridícula, você sentado ali de ressaca, liso, trabalhando com o dinheiro dos outros, ainda levar carão daquele povo que chega no banco puto, porque recebe pouco, esculhambando você. Então televisão pra mim é acima de tudo um divertimento. Eu acho que a gente parece muito com pessoal da aviação porque eles voam porque gostam. Tem muita gente que tem um emprego, mas não gosta do que faz, né? Mas eu adoro fazer televisão.

Alessandra - Pelo material coletado pela produção, você diz que se considera um bom diretor de TV, como é um bom diretor de TV?

Belmino - Eu acho que fui o

melhor dessa porra aqui, fui eu mesmo (*risos*)! Não, aqui nós tivemos dois grandes diretores de TV, o Adereson Maia e o Daniel Menezes. Eu fui cria deles dois, mas me meti no meio de um e de outro. Um bom diretor de TV é aquele que tem uma condição de pensar sempre 10 a 15 segundos na frente, principalmente em programa ao vivo. O diretor de TV hoje foi substituído, entre aspas, nos programas gravados, por um bom editor de vídeo-tape, porque ele tira as falhas, hoje com os equipamentos que tem se faz edições que antigamente não se imaginava nem no cinema. Um bom diretor de TV é aquele que pensa na frente para evitar que aconteçam determinadas falhas, sabe comandar três câmeras, dois operadores de vídeo-tape. Você quer vê um bom diretor de TV? São esses caras que cortam futebol. Eles botam replay de

“Eu tenho minhas broncas quanto à TV Globo pelo fator dela absorver a parte cultural todinha de uma região e esquecer as regionais. Mas é uma das maiores estações do mundo”.

todos os cantos. Aquilo não é fácil de fazer não. Um bom diretor de TV é aquele que não deixa buraco naquilo que corta. Porque cortar novela hoje não é difícil não porque tem a edição. Um bom diretor de TV é sempre esse que sabe comandar uma programação ao vivo.

Fernando - Belmino, quando vocês transmitiam ao vivo, como é que vocês lidavam com a censura? Não tinha edição e era época de ditadura militar.

Belmino - A novela... era feito o script e aquele script era mandado para o Departamento da Polícia Federal, que examinava o script e devolvia com um carimbo ridículo dizendo que estava lido. A mesma coisa eram os filmes. Existia uma censura regional, por exemplo, um filme de 21 horas em São Paulo, só podia ser exibido em Fortaleza às 22 horas, eles achavam que a gente era mais abastado que o povo de lá. Tudo era mandado previamente para a censura e a censura liberava aquele texto para você poder ler.

Mesmo assim eu fui chamado uma vez na Décima Região Militar e uma vez na Polícia Federal. Agora sem muita culpa minha. Uma vez, o cinegrafista do canal 2, antigamente a coisa era tão séria com relação à política que se você pegasse a bandeira brasileira filmando... se a Fafá de Belém cantasse o hino nacional naquele tempo ela ia pra cadeia de cabeça pra baixo. Se você tivesse numa solenidade, ligasse a câmera e tocasse o hino nacional, você tinha que ficar com a câmera disparada até terminar o hino, que era desrespeito cortar o hino no meio. Eu me lembro uma vez, eu era suíte no canal 2 e tinha uma solenidade e um cinegrafista pegou a câmera, filmou a bandeira de cabeça pra baixo e virou a câmera pra dar um efeito bonito. Só que naquele tempo se usava filme negativo. Naquele tempo, o diretor de TV disparava o pro-

jetor de cinema. Tinha um operador de vídeo na frente que você dizia, eram dois projetores, aí você dizia: “Um, positivo”, aí o cara virava a chave para transformar o filme em positivo para negativo. Quando eu olhei no monitor, no *preview*, como tava em negativo, eu não tive noção que a bandeira estava de cabeça pra baixo. Era um jornal, era o Repórter Cruzeiro, que era o Jornal da Globo da época, o Jornal Nacional daqui, apresentado pelo Cândido Colares (jornalista cearense já falecido). Eu olhei no monitor, no *preview* e vi a bandeira com o filme parado. Aí eu disparei, quando eu botei no ar, a bandeira estava de cabeça pra baixo e ela deu uma virada e o câmera-man afastou e aí normal. A Polícia Federal não gostou e achou que era um desrespeito. O responsável, o chefe de operação era eu. E eu fui chamado lá. Mas foi explicado e não teve problema nenhum.

O outro foi no programa do Irapuan Lima (apresentador de programas de auditório). Nós trabalhávamos com duas câmeras de estúdios, câmeras Maxwell, e eu estava cortando e tinha umas irapuetes, aquele mulherio dele que andava de biquíni, aquelas merda, aí, os câmeras eram o Menezes e o Magalhães. O Magalhães já faleceu. O Menezes ainda é câmera-man do canal 5. O Magalhães era um velho sem vergonha, canalha, deve estar criando o maior problema lá em cima com Jesus Cristo, brincalhão, esculhambado, uma grande figura. E aí eu estava com as duas câmeras no estúdio, uma no cantor e a outra a gente



O primeiro contato da produção com o apresentador foi feito cerca de um mês antes da realização da entrevista, pouco antes do programa dele entrar no ar.

Belmino aceitou o convite de imediato e colocou dois membros da produção para repetir a proposta ao vivo durante a exibição do programa.



Ele revelou um mistério para a produção. Nos copos em que ele simula beber cachaça Colonial durante o programa, são servidos apenas água ou café.

fazia aquela... pegava o pé da bailarina e dava uma panorâmica vertical. Quando eu cortei na dois, na um que era a do Magalhães, ele estava no pé da bailarina, quando ele subiu, a dois pifou, quebrou, deu pane e eu não pude usar. E ele sem vergonha, eu só estava com uma câmera e não podia sair do ar, ele pegou e foi subindo com a câmera. Quando chegou na altura do campo de pouso da moça (risos), pegou na zoom e ficou fazendo assim (*mexe os braços pra frente pra trás*). Ficou aquela coisa no ar e quando terminou o programa telefonaram da 10ª Região Militar, um coronel, dizendo que eu fosse lá. Eu pensando que era trote, que existia muito trote (na época), disse: "Coronel, porque você não vai tomar no cu, coronel!" (risos). Isso sábado. Quando foi domingo eu fui abrir a estação e tinha um memorando me convidando para ir para a 10ª Região. Não me lembro quem era o comandante da região, o general. Mas não fizeram nada comigo não. Só me deixaram o dia todo com fome, eu cheguei às oito da manhã pra falar com ele e só me liberaram às oito da noite. Não falavam comigo, não me davam água, só de sacanagem mesmo, eu fiquei lá o dia todinho e no final levei só um cagaço desse tal coronel, que disse que eu tivesse cuidado e nunca mais mandasse uma autoridade tomar no cu. Sim, eu disse: "Não tem problema não, tudo bem".

Clarisse - Belmino, eu queria que você falasse um pouco mais dessa transição que a programação local sofreu quando veio o vt, que saiu da época áurea da TVC (na verdade ela se referiu à antiga TV Ceará), da TV ao vivo para um empobrecimento da TV local. Querida que você falasse sobre isso.

Belmino - Rapaz, foi muito ruim pelo seguinte. Porque naquele tempo, você tendo uma programação local você tem emprego para todo mundo. Você tem emprego para cenógrafo, você tem emprego para contra-regra, câmera-man, assistente de estúdio, iluminadores, e aquilo você vai fazendo outras pessoas, né? Aquilo é uma escola, você fica o tempo todinho trabalhando junto. Quando o vídeo-tape chegou, aquele povo todo que trabalhava em função... naquele tempo a TV Ceará tudo era ao vivo, com exceção de um filme, um filme que entrava depois das nove horas da noite, mas o restante da programação era toda programação local. Aquilo exigia muito de gente, né? Então aquilo tinha atores, figurantes, o próprio

comércio se ressentiu disso, porque se tinha que comprar as coisas no comércio para abastecer a estação de tudo no mundo.

Então, quando o vídeo-tape chegou, que acabou com a programação local, aquilo desempregou muita gente. Desempregou quase setenta por cento da televisão no Ceará, da TV Ceará. Então, o que que ficou da TV Ceará? Ficou só os telejornais. Se na época devia ter três, baixou pra um, porque diminuiu tudo aquilo da programação local, acabou com tudo e isso foi muito ruim para todo mundo. Eu acho que o grande "tchan" da TV Diário (*A mais nova televisão cearense, do Sistema Verdes Mares de Comunicação, com ênfase na programação local*) vai ser resgatar isso, porque hoje pra você encontrar um bom câmera-man, um bom diretor de TV, fica difícil, não é porque não

“(...) quando o vídeo-tape chegou, que acabou com a programação local, aquilo desempregou muita gente. Desempregou quase setenta por cento da televisão no Ceará, da TV Ceará”.

queira não, é porque não trabalha. Qual a dificuldade que tem você cortar um telejornal? Uma câmera parada em frente ao apresentador, para fazer um programa musical, três câmeras, um diretor de TV faz só apertar o dedo mudando de câmera pra câmera. Então, o que precisa é você cortar um teleteatro, fazer uma transmissão, que a TV Diário começa a fazer isso, e isso vai fazer com que dê emprego inclusive para vocês que estão saindo das faculdades e podem trabalhar de repente lá, sendo roteirista, sendo diretor de algum tipo de programa.

Agora, com a vinda do vt para cá acabou com tudo isso, e houve um espaço muito grande até que começasse a surgir uma nova programação local, que quando foi a vinda da TV Educativa (hoje transformada em TV Ceará - TVC, Canal 5, ligada ao estado). Que o canal 10 iniciou com uma programação já na base do vídeo-tape, já existia Embratel (*Empresa Brasileira de Telecomunicações*) e canalizava com o Rio (*de Janeiro*), fa-

zia uma programação através da TV Globo. Ficou apenas com um telejornal local quando ela inaugurou, tinha uma programação infantil que era comandada pelo Marcos Dourado, era Clube de Heróis, parece, era Clube de Heróis que eu até cortava... e o resto era o telejornal, tinha o Telejornal Padrão à noite. Mas esse espaço da TV Ceará para o canal 5 foi muito grande e nós perdemos muita gente, quando poderia ter surgido muita gente nesse período. Porque o que eu acho pai d'égua da TV Ceará é que no pequeno espaço (*de tempo*) quando ela reinou, preparou muita gente. Ela inaugurou em 60, eu saí de lá em 70, quer dizer, foram dez anos. E nesses dez anos, ela criou praticamente a base de toda a televisão cearense. Que essa televisão cearense procriou outras pessoas que tão aí trabalhando.

Mas tudo começou com base na TV Ceará canal 2. Quem inaugurou o canal 10? Fui eu, como diretor de TV. Junto com quem? Aldenir, que era diretor de TV, Aldaíro Silva, de onde? Todos tinham vindo do canal 2. Quem fez o Diário do Nordeste? João Ramos que tinha vindo dos Diários Associados, que ele era ator, diretor. Para mim o homem mais completo da comunicação no Ceará foi o João Ramos para mim, ele era tudo, mas teve uma época que ele se meteu no Correio do Ceará e no Unitário (*jornais que faziam parte da cadeia dos Diários e Emissoras Associados, já extintos*) e aprendeu. Quando surgiu o Diário do Nordeste, o (*industrial*) Edson Queiroz (*já falecido*) convidou ele para lá e ele explodiu com o Diário do Nordeste, quer dizer, com quem ainda? Com raízes ainda da TV Ceará. A TV Ceará, Ceará Rádio Clube teve fator preponderante nas comunicações daqui.

Daniel - Belmino, você falou agora muito bem do João Ramos e a sua formação dentro da TV, pelo que a gente colheu, foi um curso que você fez com o João Ramos, de diretor de TV... Quem junto com você que se destacou fez esse curso?

Belmino - Rapaz, daquela época o João foi a pessoa mais competente que eu conheci em toda a minha vida. Ele era ator, eu não peguei ainda, mas dizem que ele... dizem não, ele foi, ele foi narrador de futebol, ele narrou futebol, ele escrevia novela, ele dirigia, foi diretor de TV, ele era câmera-man. A primeira torre iluminada no Ceará, foi ele que bolou uma catrevagem, que era do tamanho dessa sala aqui,

A pré-entrevista com Belmino foi realizada numa sexta-feira à tarde, logo após o encerramento de seu programa, numa lanchonete da Aldeota.

cheia de óleo diesel, uma confusão danada. Hoje não, hoje é tudo pequenininho, né? Mas ele iluminou a torre da TV Ceará por conta dele mesmo, era iluminador. Ele... o maior detalhe: humilde. Você chegasse lá para pedir uma coisa a ele, ele ensinava. Era um boêmio. Então o João tinha tudo aquilo que eu gostava. O João tinha tudo e além de ser um bom amigo.

A TV Ceará na época tinha como diretores de TV titulares, tinha o Aderson Maia, tinha o Daniel Menezes, tinha o Aldenir (*de Castro*), Aldaíro (*Silva*), era um bocado de gente. Quando o (*apresentador*) Augusto Borges assumiu, ele começou a ter necessidade, pensando na frente, precisava de novos diretores de TV, porque o Aderson Maia e o Daniel Menezes já estavam meio gagás, né? Então pediu ao João, porque o João era o mais capacitado daqui, que desse um curso de direção de TV. E eu já estava lá dentro há mil anos, era assistente de estúdio, me inscrevi no curso e fiz juntamente com outros funcionários da época, inclusive com diretores de TV que estavam já atuando. E eu fiz esse curso com ele. E tirei o primeiro lugar desse povo. Inclusive já tinha um cara que era um diretor de TV e eu não era, era assistente de estúdio. E eu tirei o primeiro lugar nesse curso do João.

Esse curso foi até engraçado... porque eu passei três meses para assumir, né? Eu tirei o primeiro lugar, mas não tinha vaga. E quando o Augusto Borges assumiu a gerência de produção, um dia eu chego de tarde para abrir a estação e ele olha para mim e disse: "Belmino, eu vi lá no quadro que você não tirou o primeiro lugar como diretor de TV?" Eu digo: "Foi". "E como é que você está aí como assistente de estúdio?" "Sim... e tu quer que eu faça o quê?" "Vá lá para cima e abra a estação!" Rapaz, eu quase morro! Porque, naquele tempo, suíte era... hoje qualquer filho de uma égua aperta o dedo naquela merda. Mas naquele tempo ser diretor de TV era uma coisa muito séria, porque a estação toda passava por você, né? Aí foi o curso do João Ramos. Quando eu fui contratado para o canal 5... o coronel (*Arthur*) Torres de Melo (*ex-superintendente da antiga TVE*) me levou para o canal 5. Tinha um diretor administrativo lá, gente muito boa, (*o*) coronel, coronel... já, já lembro o nome dele. E tinha vindo um cara de São Paulo, da USP, formado em comunicação, era em televisão, e era diretor de TV, ele tinha um pacote,

uma bolsa cheia de diploma: direção de TV não sei de quê, Chile, a casa do caralho, de todo o canto o homem tinha diploma (*risos*). Aí quando eu cheguei para assumir o negócio, o coronel, nem lembro o nome do coronel, ele olhou para mim e disse: "Cadê seu diploma?" Eu digo: "O quê?" "É... diploma!" "De quê?" "De direção de TV!" Eu digo: "Rapaz, eu..." olha o Peter King, o nome do homem, Peter King, rapaz uma maçaroca de diploma, eu dei uma puxada assim e tinha um do Chile. Eu digo esse bicho é bom para caralho. Ele disse: "Qual é o seu diploma?" "Rapaz, meu diploma é João Ramos". Aí ele ligou para o (*produtor de TV*) Guilherme Neto e o cara disse: "Homem, deixe ele aí! O diploma do João Ramos vale mais do que essa ruma de diploma que esse homem tem no exterior, rapaz". E na realidade o

(...) o João (*Ramos*) foi a pessoa mais competente que eu conheci em toda a minha vida. Ele era ator, (...) ele foi narrador de futebol (...) escrevia novela (...) foi diretor da TVC (...).

cara era um diretor de TV muito merda, não sabia porra nenhuma. Era só conversa de alma de gato. Mas era o famoso curso que o João Ramos nos deu lá na TV Ceará na época.

Arthur – Belmino, já famoso, já pela sua passagem pela TV Ceará, você foi convidado para inaugurar a TV Verdes Mares em 1970. Como foi sua passagem lá na Verdes Mares?

Belmino – Foi legal. A TV Verdes Mares foi bom pelo seguinte, porque a gente já estava perdendo a moral de canal 2, né? Canal 2 naquele tempo atrasava, já no final, você não recebia mais dinheiro, recebia vale. Você chegava lá no, no... E era até engraçado, porque você chegava lá no (*risos*) mestre Messias - gente boa, era o tesoureiro - chegava lá com três vales: um menorzinho, um do meio e um grande. Você mostrava primeiro, o grande, né? Aí ele olhava assim e dizia logo: "Tem não!" Puta merda, aí você mostrava o do meio. Esse aí também não dá não. Resultado: ficava no pequeno, né? (*risos*) Então a gente recebia vale. Todo sábado de manhã,

a gente ia para lá, metia um vale, ou então no lugar do dinheiro, você recebia roupa dos comerciais que tinham. Por exemplo: Casa Bicho. Aí você ia lá, estava liso, eles não tinham dinheiro para pagar então vai na Casa Bicho e compra uma camisa que a televisão paga. A gente ia e ficava nesse negócio. Então veio o canal 10. Foi uma época de... esse Édson Queiroz teve muita sorte. No ano que ele inaugurou o canal 10 foi o que o Brasil foi tricampeão mundial, né? Foi o ano que veio a televisão a cores (*No Ceará a televisão só foi implantada em 1972*). Então o canal 10 explodiu. Fechou a TV Ceará e ninguém mais via o canal 2. Porque o canal 2 tinha uma frescura muito grande, eu cansei de fazer isso às vezes, eu mesmo, cansei de fazer sacanagem.

Estava num filme, na hora que o cowboy puxava o revólver que ia atirando, eu cortava e botava no intervalo (*risos*). Só de sacanagem. Aí o cabra ligava reclamando e eu digo: "Mude de canal!" (*risos*) "Muda de canal!" Aí ia dando um beijo na mocinha e eu cortava e botava no intervalo (*risos*) O cara ficava puto! Aí ligava e às vezes eu atendia. Eu digo: "Alô". "Como é que você corta um filme num negócio desse?" Eu digo: "Mude de canal!" Só tinha a gente, né? (*risos*) Quando veio o canal 10, eles ligavam para lá e diziam: "Quer que eu mude de canal?" Eu disse: "Não, pelo amor de Deus, fique aqui mesmo!" (*risos*)

Galciani – Belmino, a produção apurou que você saiu da Verdes Mares porque você teve um desentendimento com o Carlos Leopoldo. Como é que foi isso?

Belmino – Não, a gente, nós nos desentendemos numa... Ele tinha um espírito! Quem reequipou, quem fez uma nova televisão no canal 10 foi ele. Porque quando o canal 10 inaugurou, o equipamento não era bom. Era um equipamento Maxwell. E aí o seu Édson Queiroz trouxe ele da Europa e ele montou uma das maiores estações do Brasil, que foi a TV Verdes Mares, inclusive nós inauguramos aqui o primeiro sistema a cores do Nordeste, quem inaugurou foi a Verdes Mares com ele. Mas ele era um... ele tinha um espírito diferente de nós cearenses, nós brasileiros, nós nordestinos. Ele era muito fresco. Pegava no seu pé, cheio de frescura, reclamava demais, e um dia, eu não sou de agüentar desaforo, mandei ele para aquele canto, né? Porque ele mandou secar os pneus do meu carro que estava em



Belmino tomou cinco doses de uísque e fez questão de pagar a despesa completa da mesa, que incluía ainda salgadinhos e dez garrafas de cerveja.

Acompanharam a pré-entrevista os radialistas Fortunato Pinha e Pedro Bernardo, que fazem a produção do programa de Belmino na rádio Cidade AM.



Na fase de produção, foram entrevistados dois contemporâneos do apresentador na TV Ceará, os radialistas Aderson Maia Nogueira e Augusto Borges.

cima da televisão Verdes Mares ali no estacionamento. Ele proibiu botar o carro lá em cima, eu me esqueci e botei meu carro lá. Ele chamou o motorista e mandou secar os quatro pneus. Aí eu quis dar nele, foi a maior confusão do mundo lá, porque eu achei uma sacanagem. Custava nada ele ter me chamado e ter mandado tirar o carro, mas não mandar furar meus quatro pneus. E depois botou a culpa no motorista. Quando o motorista soube que ele tinha dito isso, aí o motorista quis matar ele, foi a maior confusão do mundo.

E aí eu me desgostei muito do... eu já estava muito chateado com ele, com as frescuras dele... Ele era muito fresco e foi por causa dele que o Aldenir saiu, Aldenir de Castro largou a direção de TV. Aldaíro Silva também saiu de lá, que foi um dos precursores como diretor de TV. Todos os diretores de TV saíram por causa dele. Porque ele era um chato. E aí o Ary Sherlock, me encontrei com ele no bar do Gerbô (*tradicional ponto de encontro de jornalistas, radialistas e boêmios de Fortaleza, que funcionava na avenida Antônio Sales, próximo à TV Ceará. Hoje funciona no local, um frigorífico*) de e ele me convidou para eu ir cortar as novelas dele na TV Educativa. A TV Educativa ia entrar com uma programação local. E aí eu aproveitei a ocasião e fui para a Televisão Educativa levado pelo Ary mais muito bem recebido pelo coronel Arthur Torres de Melo, que tinha sido diretor técnico da Televisão Verdes Mares. Quando ele saiu entrou o nazista lá o ... Carlos Leopoldo. E minha vingança com o Leopoldo foi um dia que eu estava tomando umas cachaças atrás do canal 10 por ali, passou um cara vendendo com um cachorro vira-lata daqueles fuleiragem, né? Aí eu comprei o cachorro e botei o nome dele (*risos*). Todo mundo soube que era o cachorro e o cachorro ficou conhecido como Leopoldo. Um dos maiores cachorros...

Gildicelli – Foi nessa época que o Teobaldo Lundim (*jornalista, já falecido*) te chamou para ser diretor de produção, né?

Belmino – Não, quatro anos depois. Quatro anos depois, eu estava no canal 5, o Teobaldo assumiu a superintendência e me convidou para ser diretor de produção.

Gildicelli – E aí você fez algumas mudanças na programação?

Belmino – É que o canal 5 nesse tempo, ele só ia... era para ser uma

escola, ele só ia para o ar até sexta-feira. Sexta-feira, 11 horas da noite, saía do ar e só voltava na segunda. E tinha só as novelinhas, mas tinha pouca programação local. Então, quando nós assumimos lá, nós lutamos para ele funcionar sábado e domingo e criamos 18 programas locais. Programas cearenses, feitos por gente da terra. Para poder dar emprego. Eram três expedientes de equipe para poder empregar esse povo todo.

Patrícia – Belmino, uma das primeiras coisas que você fez foi contratar o (radialista) Celso Martinelli. E logo depois teve um incidente que você o demitiu...

Belmino – Não, ele que se demitiu! (*risos*)

Gildicelli – O que foi que aconteceu?

Belmino – Quando eu assumi,

“(...) quando nós
assumimos lá, nós
lutamos para ele (*Canal
5*) funcionar sábado e
domingo e criamos 18
programas locais.
Programas cearenses,
feitos por gente da terra”.

eu achei que a televisão cearense na época não fazia futebol. E (*era*) uma lacuna que a gente podia entrar ali e ganhar uma certa audiência... Então eu achando que tinha esse espaço que a gente podia ganhar para ter audiência, o canal 5 ninguém não sabia nem onde era, eu perguntei ao Teobaldo: “Teobaldo, porque nós não vamos fazer futebol? Esportes?” “Vambora”. “Bicho, nós temos que contratar um cabra bom!” Ele disse: “E quem é que você acha que é um cabra bom?” Eu digo, “Rapaz quem concorre direto com o Paulino Rocha (foi comentarista esportivo da Rádio e TV Verdes Mares, ex-deputado estadual, já falecido) na televisão Verdes Mares é o Celso Martinelli, que é da rádio Dragão do Mar”. Ele era “zoadento”. Ele tinha uma certa audiência, né? Ele tinha uma audiência danada.

Aí eu convidei o Martinelli e o Martinelli trouxe um cara chamado Ney Boto Guimarães. Uma grande figura. E eu botei o Martinelli lá. A gente escrevia, bolava o programa,

que era o Na Boca do Túnel, e ele apresentava o programa e botou o Ney. O Ney até a essa altura ganhando cachê. E quando foi um dia, o Martinelli desapareceu de Fortaleza e passou uns 20 dias fora, não disse nada a gente. Foi transmitir um jogo de futebol de salão, me lembro até do patrocínio do BEC, pela Rádio Dragão do Mar, e não me avisou. Quando ele chegou, porra, eu como diretor, fui falar com ele. “Martinelli, porra, onde é que tu andava?” “Ah, fui para... não sei para onde, São Paulo.” “Bicho, pois tu não avisou a ninguém aqui na televisão, não? Isso aqui não é casa de rapariga não, rapaz! Tu tem que dizer onde é que tu tá, tu é funcionário da casa!” “Rapaz, eu não recebo advertência de ninguém, não!” “Não, não vai ser verbal, não”. Eu já tinha mandado a minha secretária, a menina bater um memorando de advertência, dizendo que ele não devia mais fazer aquilo, coisa comum que acontece numa empresa.

Aí ele pegou e disse que um homem como ele não recebia advertência, que ia sair. Eu digo: “Está aqui a máquina de escrever, pode bater.” Aí ele bateu a demissão dele e assinou. Meio dia mais ou menos. Seis e meia da noite, ele voltou pedindo para mim rasgar a demissão dele. “Negativo, você tá fora e o Ney Boto já assumiu seu lugar. Estrela aqui é o superintendente, você aqui é igual aos outros.” “Ah, porque eu sou o Martinelli!” “Você é Martinelli para suas negas! Aqui você não é. Você é funcionário igual aos outros.” Aí foi meu fim do meu namoro com Celso Martinelli. Aí entrou o Ney Boto. Ficou no lugar dele.

Arthur – Paralelo à criação desse programa esportivo você já tinha criado outros programas como o Ceará Caboclo, o Terral, né isso? Como é que foi esse processo de criação desses programas?

Belmino – O Ceará Caboclo eu estava no Siri, que era um restaurante que tinha ali na Varjota, e dia de sexta-feira tocava lá o Azeitona (*sanfoneiro cearense*). O negão Azeitona, ainda novo, bonito... (*neste momento, Belmino interrompe sua resposta, para atender à Patrícia, que desejava pegar uma lata de Coca-Cola*) Que é que tu quer? Coca-cola, é? Aqui tem mais não. Aí o Azeitona terminou de fazer o show dele lá, desceu, veio conversar comigo dizendo: “Oh! Belmino, agora eu estou lascado. Só daqui a uma semana eu vou ganhar meu dinheirinho de novo.”

Ex-repórter de Belmino na TV Educativa, a professora Fátima Bandeira, do curso de Comunicação Social da UFC, também deu seu depoimento sobre o entrevistado.

Eu digo: "Por quê?" "Porque eu só toco uma vez na semana aqui em Fortaleza porque não tem forró, não tem coisa nenhuma.

Aí eu fui para casa com aquilo na cabeça e bolei o Ceará Caboclo, que era um programa de forró para mostrar as coisas da gente. E cujo apresentador não era o Carneiro Portela (que durante muito tempo apresentou o programa na TVE, aos domingos, e hoje está com um programa na TV Diário). Era o César Barreto. Porque o César era mais versátil do que o Carneiro Portela, bem mais na época, né? Mas quando eu estou bolando o programa, o Carneiro Portela entra na minha sala para me dar um livro dele e me disseram que o Carneiro Portela sabia duas horas e meia de poesia decorada. Como ninguémia no canal 5, naquele tempo, não tinha ninguém, não passavam nem na rua, eu digo, "Rapaz esse programa nós vamos arrumar com uma hora e meia, uma hora e vinte. Se um dia os convidados não vierem (risos), a gente bota este doido para ficar falando aqui duas horas e meia de poesia. Eu vou botar é ele mesmo." "César não é mais tu não, agora vai ser o doido aqui, porque esse aqui é melhor."

E outra coisa, e tinha a vantagem, como ele tinha um programa de rádio, ele chamaria o programa da televisão no programa de rádio dele, né? E para o César Barreto, nós criamos um programa que era o Nordestinado, que era para quem já tinha gravado. E o Will Nogueira (que também trabalhava no Canal 10 e na Rádio Verdes Mares e hoje comanda um programa na TV Diário) na mesma sequência com isso mesmo: As pessoas que tivessem música e tivessem vontade de mostrar e não tinha onde, mostraria no programa Terral. Claro que hoje está totalmente diferente, né? Mas a filosofia era essa. Quando você tinha uma música e não tinha onde mostrar, queria mostrar à alguém, então você mostrava no Terral. Se chegasse numa condição boa, chegasse a gravar, tinha onde mostrar que era no programa do César Barreto. Todo cantor de fim de semana que vinha à Fortaleza a gente tinha um programa lá para trazer esse povo, que era o Contra Canto, que eu fiz uma época, depois entreguei ao (publicitário) Ubaldo Solon. Ubaldo Solon também fez o Jornal da Música. O Jornal da Música que era... quando começaram a chegar esses cliques de música estrangeira, era um

lugar para mostrar, porque tem gente que gosta, né? Então entregamos para o Ubaldo Solon o Jornal da Música.

Patrícia – Belmino, o programa Na Boca do Túnel foi o primeiro programa com mesa redonda que tinha hora para começar, mas não tinha hora para terminar. Como é que surgiu a idéia desse programa?

Belmino – Esse programa, nós criamos e quem apresentava era o Ney e o Celso. Depois de uns dois meses mais ou menos... Com dois ou três entrevistados, eles levavam as pessoas. Quando houve essa confusão do Celso, eu gosto de dizer que ele é quem se demitiu, não fui eu, ele foi embora porque quis, aí o Ney ficou apresentando e eu produzindo. O Ney, houve um problema em Fortaleza, teve que ir embora e deixou uma carta para mim dizendo que eu deveria apresentar o programa. Mor-

"Eles gostavam muito mais de eu entrar com a parte descontraída e falando bem cearense do que o chiado que eles estavam acostumados a ver por aí e as impostações."

ria de medo de frente de câmera, né? Que eu devia ficar apresentando o programa do modo que eu era no dia-a-dia. Eu peguei a corda e fui apresentar. Então desde o momento que eu comeci a apresentar, eu convidava, eu convidava pessoas fixas, radialistas e jornalistas, para fazerem parte da mesa e dois ou três convidados. Então nós começamos às 22 horas, mas não tinha horário para terminar. Uma noite nós fechamos quatro horas da manhã, porque a gente começava o programa e ia num papo bom como o diabo, não tinha horário, a TV Educativa não tinha problema de comercial, né? Aí eu dizia assim, às três horas da manhã: "Se eu tiver dez telefonemas agora, eu não encerro." Aí uns abestados que tem lá ligava, né? Agora imagina quem não tinha telefone, né? Aí a gente ficava... uma vez nós encerramos quatro horas da manhã.

Galciani – E você já começou a apresentar esse programa bem descontraído?

Belmino – Era, mas ali era medo.

Arthur – Como é que era essa questão do medo das câmeras? Você estava na televisão desde os 15 anos de idade, tinha passado por todas as etapas, tinha criado programas, tinha visto vários estilos de apresentação. Realmente você nunca teve vontade de passar para o outro lado nesse período todo?

Belmino – Tinha não. Tinha não. Eu achava legal andar com uns caras... por exemplo, quando você andava com esses bichos, os medalhões: Narcélio (Limaverde, um dos mais populares homens de rádio e TV de Fortaleza, ex-deputado estadual) João (Ramos)... que as pessoas falavam com eles, eu achava bom, rapaz! Mas eu não queria estar no canto deles, não, porque eu tinha vergonha de ir para frente de câmera. Porque quer queira, quer não eu sou altamente encabulado!

Galciani – Belmino, quando você começou com esse estilo todo descontraído, um jeito fresco como você fala, de apresentar. Como foi a repercussão dessa linha de apresentação?

Belmino – No início, houve muita crítica. Por exemplo, (o radialista, irmão de Narcélio) Paulo Limaverde era um. Paulo Limaverde criticava. Outros passavam por mim e gritavam: "Ó o doido!" Calma... (risos) Mas houve uma crítica, mas a repercussão positiva foi bem maior que a negativa. Porque eu acho que faltava uma pessoa que falasse à moda nós, né? Então o povo gostou muito mais do que criticou. Eles gostavam muito mais de eu entrar com a parte descontraída e falando bem cearense do que o chiado que eles estavam acostumados a ver por aí e as impostações. Naquele tempo locutor não podia gaguejar, rapaz. Hoje, quando eu não sei um nome em inglês, eu estando no rádio, eu passo o dedo no microfone assim (faz o gesto, risos) e digo que não sei: "Rapaz, eu não sei dizer esse nome, não!" O (apresentador da Rede Globo) Cid Moreira não pode dizer um negócio desse, né? Mas eu criei isso como uma autodefesa, para poder me defender das coisas que eu não sabia fazer. Eu me lembro uma vez que eu disse... tem um termozinho de banco, ridículo, rapaz! Horrroso! Quando eu soltei, eu senti que tinha cagado o pau (risos). "Negada, eu disse isso porque quis, seus mangote de abestado!" Mas é porque o cara disse aqui: "Belmino, tá errado aí!" "Tá certo, não tem problema, não!"

Amauri – Belmino, você disse



A entrevista foi marcada para uma sexta-feira às 14 horas, no mirante do Fortaleza Praia Hotel, na praia do Futuro, por sugestão do professor.

A turma esperou cerca de uma hora, mas Belmino não apareceu. Ele teve de resolver problemas relativos à aposentadoria dele e não conseguiu avisar a produção a tempo.



A produtora de Belmino, Carmem Lúcia, só conseguiu contato telefônico com a produção para cancelar a entrevista depois das três horas da tarde.

que quem começou com esse estilo mais descontraído de apresentação foi o Chacrinha (Francisco Abelardo Barbosa, ex-apresentador de programas de auditório na Rede Globo, já falecido).

Belmino – É.

Amauri – Ele te influenciou? Você se inspirou nele? Se inspira ainda?

Belmino – Não, achava o maior barato as coisas do Chacrinha. Mas acho que eu sou talvez uma mistura do Dom Quixote, lembra que ele falava com a câmera: “Vamos pegar nosso homem!” Achava o maior barato ele conversar com a câmera. (O radialista) Jurandir Mitoso, da época, Paulo Limaverde, o Colombo Sá, que faziam isso, claro que bem menos, numa época em que o locutor era: “Senhoras e senhores... não sei o quê! Entendeu? (imposta a voz) Era tudo...então o Colombo já dizia, Oliveira Ramos que dizia: “Segura o bode!” Vixe, era um escândalo você dizer segura o bode. O Colombo Sá dizia, pra fazer assim no microfone, pegava um papel, botava na mão e fazia assim ó...PÁ! ai dava aquele papoco e ele dizia: “Olha a bala Dr. Braga no farol do Mucuripe com as quengas!” Rapaz, no outro dia era uma confusão. Você não podia dizer nada. Hoje, hoje até já exageram, né? Tem cara aí, que ninguém vai citar nomes, mas exageram, diz peido na boca. Eu acho que não é por aí, não. Diz nome feio. Mas antigamente era. O Jurandir Mitoso penou muito para fazer aquelas doidices dele.

Fernando – Belmino, nós colhemos que você também criou um programa de variedades. Aqui...

Belmino – É...

Fernando – ...você saltou até de pára-quedas...

Belmino – Foi.

Fernando – O que mais você fez nesse programa?

Belmino – Além de mentir muito, porque eu inventava as montagens, né, (risos) como eu andar de autogiro, não sei mais o quê... O Aqui, olha a pretensão do Belmino, era um mini-Fantástico (risos). Pretensão minha. E eu botei oito horas da noite para brigar com o Fantástico, claro que minha audiência era super zero, né? Mas foi uma época boa, porque desenvolveu muita gente. Era eu, o César Barreto, a (jornalista) Mônica Silveira, o Ary (Sherlock)...eram várias pessoas que cada um fazia dez minutos. O Ubaldo Solon. O Ubaldo Solon também participou. Então cada um fazia dez minutos. Fazíamos

50 minutos de variedades.

Fernando – O que que você aprontou nesse programa?

Belmino – Rapaz, não me lembro... ah, sim... uma delas foi que eu soube que os bombeiros estavam na Ponte Metálica desenterrando uns carros roubados. E estavam fazendo um treinamento também de salvamento. E eu, muito repórter, cheguei lá, tirei o calção e me sapequei lá de cima e caí dentro d'água para os bombeiros me tirar. Só que, bicho, eu pesando desse tipo, os bombeiros para me tirar foi foda (risos). Seguraram nos meus queixos. “Peraí que eu sei nadar, baitola, tu tá é me afogando!” Aí ele me puxou e o pior não foi isso, foi ter que subir numa corda... aquela escada de corda. Rapaz, eu passei uns duas horas! As pernas começavam a tremer e eu caía dentro d'água de novo. Rapaz, foram

“(..)pouca gente tem coragem de dizer no programa que torce um time, né? Eu digo que sou Ferroviário. Todo mundo respeita. Eu nunca fui agredido em lugar nenhum.”

buscar um reboque para me levantar, viu? Uma confusão! E a negada filmando.

Alessandra – Belmino, eu queria que você falasse um pouco da sua experiência no rádio.

Belmino – Eu estou gostando do rádio agora. Mas o rádio, eu tive algumas passagens curtinhas. Eu não me empolgava muito porque o programa não era meu. Eu ia ali fazia uma participação rápida, mas atualmente eu estou gostando. Eu acho que se o rádio... se eu fosse um bom vendedor de comercial, que eu não sou, eu não sei vender coisa nenhuma, eu largaria a televisão e ficava fazendo só rádio. Porque o rádio, eu acho, é mais imediatista. O cabra liga e participa com você no dia-a-dia e não precisa você comprar roupa nova, não gasta dinheiro, vai de bermuda, né, não precisa tirar a barba todo dia. Então eu hoje estou gostando do rádio. Acho o rádio melhor do que a televisão.

Clarisse – Belmino, voltando aqui para... você saiu de trás das câmeras

para frente das câmeras. Você tem um jeito muito cearense de falar e de conversar com o público. E o apresentador tem uma história meio marcante de aparecer muito na rua, conversar com as pessoas. Como é que é este teu contato com o público?

Belmino – (risos) O mínimo respeito que eles têm por mim. É o maior barato. (risos) Eles me tratam do modo que me vêem no programa. Às vezes eu estou sentado no canto passa um. Um menino, um garoto assim e diz assim: “Que que há filho de uma égua, bicho bom.” (risos) A intimidade que eles têm comigo é impressionante, sabe? Pai d'égua, que acho mais legal, são as senhoras de idade que chegam para mim e dizem: “Olha eu tenho horror a futebol, a esporte, mas só assisto seu programa porque você é muito sem vergonha”. Olha só? Um elogio maravilhoso. Eu acho legal, a convivência da gente é muito boa. E eu acho até que vai além da expectativa porque eles me acham que sou dentro de casa deles e me tratam na maior, parece que sou íntimo, num sabe? Não tem...A intimidade é muito boa com eles, eu acho muito legal.

Arthur – Quando é que você pas-sou a perceber que seu estilo estava consagrado, assim como é que foi, demorou quanto tempo?

Belmino – Por causa do meio da rua, dos comentários do meio da rua, passava nos cantos a negada... agora eu noto um carinho diferente por exemplo. Fortaleza...você que dirigem aqui, principalmente as meninas, nós somos muito mal educados no trânsito, né? Mas mal educado mesmo. O cara aponta pede para dobrar...o cara olha na maior cara de pau e faz assim (balança o dedo em sinal de negativo). Comigo, eu acho o carinho deles decente pelo seguinte: às vezes, a gente está parado nos cantos para entrar numa avenida, por exemplo, eles param e mandam eu entrar: “Belmino, que que há baitola?” “Tudo bom!” Eles têm um carinho muito grande comigo e eu acho que isso é em função do modo que eu faço o programa na televisão. Por exemplo eu digo...pouca gente tem coragem de dizer no programa que torce um time, né? Eu digo que sou Ferroviário. Todo muito respeita. Eu nunca fui agredido em lugar nenhum. Olha que eu ando em um bocado de boteco. E aqueles chatos, não tem o bêbado chato? “Belmino, o Ferroviário vai ganhar amanhã?” Eu sei lá se essa porra vai ganhar amanhã. Aí eles me tratam bem. Nunca me agrediram. Eu

Depois de muito custo, a produção conseguiu remarcar a entrevista para a segunda-feira seguinte, no mesmo local, às 16 horas. Desta vez ele compareceu.

já an-dei com colegas que o carachega e fa-la: "Fulano ladrão!" Sabe? Eles me tem um tratamento muito legal. Eu acho que foi uma escolha muito legal e hoje eu ser um torcedor doente do Ferroviário, né? Acho o maior barato (risos).

Gildicelli - Belmino, você fala desse seu estilo, estilo pode se dizer Belmino de apresentar, né? Todo mundo que passa na rua brinca com você. Mas em relação a concorrentes, você não despertou mais para, assim, um estilo mais consagrado de ratinhos, leões e até mesmo do Baleia que faz esse estilo mais popular e brincahã, você não tem medo?

Belmino - Não... não, rapaz, pelo seguinte, porque se o Chacrinha fosse vivo, ele ainda tinha audiência, porque eu acho que o pioneiro, o iniciador da coisa ele se mantém. O que não se mantém é o imitador. O imitador, a tendência é ele cair no meio do caminho (o celular do Belmino toca no meio da resposta, ele atende)

Galciani - Você estava falando dos imitadores do Chacrinha...

Belmino - Ah, por exemplo, quem imita a tendência é cair. O Faustão não está com estas bolas todas, só tem agora pegadinhas, né? O Ratinho que estourou aí, era o dono do mundo, hoje não é mais o mesmo. Este Leão já está até de madrugada, ninguém nem vê. É um gato velho pardo. Quem mais? Tem um aqui em Fortaleza que imita o Silvio Santos (risos) que dizem que é o clone que não deu certo.

Clarisse - Belmino, você estava demonstrando uma certa preocupação com a formação do pessoal de TV local. Eu queria que você falasse um pouco sobre o Belmino espectador como vê a programação local hoje? Como é que está a programação local?

Belmino - De cara, eu lhe digo que Fortaleza não tem cenário. A televisão cearense é pobre de cenário. Ainda é aquele cenário velho de madeira pintado com tinta óleo. Coisa ridícula, né? Os cortes de câmeras ainda não são bem detalhados como a gente nota que não tem certa harmonia entre os diretores de TV e os câmeras. Alguns apresentadores daqui não deixam que o entrevistado fale. Ele acha que a estrela é ele. A estrela não é o entrevistador é o entrevistado, porque o entrevistador está ali todo dia. Outra coisa que se faz muito errado aqui é a briga do apresentador quando vai entrevistar

uma pessoa. Eu vou entrevistar o Arthur eu pergunto: "Arthur, o que você acha deste gravador?" O Arthur diz: "Eu preferia branco". "Não, eu gosto é do preto". Deixa ele ter a opinião dele. Aqui os caras brigam, se não for a opinião. Tem uma senhora na TV Diário que deveria fazer a entrevista só. Como é o nome dela? Fernanda Montenegro daqui (risos).

Alessandra - Quinderé.

Belmino - Essa porra mesmo. Essa mulher deveria fazer só porque ela pergunta, ela mesmo responde. Ela não deixa ninguém falar. Ela diz, não, não é assim não. Agora, a iluminação tem luz demais. Não precisa aquela quantidade de iluminação. Eu acho que ainda é o pior ainda é a pobreza de cenário. O cenário da televisão cearense é ridículo! Você precisa ainda daqui uns tempos trazer gente ou uma forma-

“(...) eu acho que a TV Diário tem uma responsabilidade na formação de novas pessoas. Eu não digo de apresentadores, não. (...) Eu digo a formação da parte técnica.”

ção que tenha um novo cenário. Mas, a televisão tá ressurgindo de novo. Depois da TV Ceará teve uma passagem pela TV Educativa, eu acho que a TV Diário tem uma responsabilidade na formação de novas pessoas. Eu não digo de apresentadores, não. Apresentadores você pode puxar do rádio, pode puxar da faculdade de comunicação, não tem problema nenhum. Eu digo a formação da parte técnica. A parte técnica precisa ser olhada e bem paga. Antigamente o câmera-man tinha uma certa condição intelectual, hoje não tem. Por quê? Porque o salário é pequeno. Geralmente a parte econômica e social tem que ser bem prestigiada. Porque senão dificulta no aprendizado que você está fazendo.

Eu me lembro muito bem numa época que o cabra dizia: "Belmino, a menina lá de cima vai cantar um *pout-pourri*." Eu sabia lá o que diabo era *pout-pourri*, homem. Eu dizia assim: "Esta música eu não conheço não." "Filho de uma égua, é várias músicas

juntas que ela vai cantar". "Foi mal". Esta formação é que a TV Ceará dava. E Fortaleza não tem ainda. Mas eu acredito já com a TV Diário vai ser resgatada esta parte que ficou no ar e foi preenchida por jornalista, entendeu? Não tenho nada contra jornalista. Mas eu acho que o cara formado em comunicação dificilmente ele iria ser câmera-man. Primeiro pelo salário. Depois você na condição de formado iria pegar num rabo de uma câmera para ganhar, quanto é hoje? Trezentos e oitenta, quatrocentos mil réis, não ia. Nem namorada arranjava. Estava lascado, coitado.

Então minha preocupação hoje é com este meio de campo da televisão. Tem que ter, que acho que é muito jogado as pessoas não ligam para um bom câmera-man, para um bom assistente de estúdio, eu acho que assistente de estúdio nem tem mais, né? Um bom iluminador... Nós não temos iluminador, não. Nós temos eletricista. É o cara que bota aqui. Este painel aqui, cheio de spots, acende, aquilo lá arde os olhos da gente. A gente fica ali com um calor monstro. Não tem ar condicionado que dê certo. Por que? Porque não tem uma formação.

Alessandra - Eu queria saber, Belmino, como era a tua relação com os diretores das empresas que está trabalhando hoje e nas que você já trabalhou?

Belmino - Eu nunca tive problema nenhum. Eu vou dizer uma coisa que vocês vão pensar que é até frescura minha, mas vocês me conhecem e sabem que não é. Eu nunca tive uma advertência na minha vida. Nunca tive advertência, nunca fui chamado por um diretor por uma indisciplina ou alguma coisa, a não ser nas sacanagens que eu fazia, mas fora da programação.

Por exemplo, tinha uma cantora aqui chamada Maria Zenaide... Um dos maiores diretores que tive na minha vida foi Guilherme Neto, meu primeiro diretor e tinha uma cantora, uma menina, hoje deve estar uma moça, não sei se você conheceu era Maria Zenaide, era uma meninazinha. E ela tinha uma cachorrinha que era ensinada. Uma cachorra e uma narreca que ela levava para novelas do Ari Sherlock, né? No canal 5. E ela era muita chata porque eu brincava com ela. A mãe dela ficava com raiva dizia ao Guilherme Neto. Aí, o Guilherme Neto me dava um cagaço: "Rapaz trate direito a mãe da Maria Zenaide". E a velha era muito fresca e queria entrar no estúdio quando não podia:



Belmino chegou sozinho e pontualmente no horário combinado. Vestia uma camiseta amarela, uma bermuda verde e calçava sandálias.

Além dos alunos da disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso, acompanhou a entrevista a advogada Deubia Cavalcanti.



Durante a entrevista, o telefone celular de Belmino permaneceu ligado e tocou por duas vezes. Ele atendeu normalmente, interrompendo a entrevista.

E eu dizia: "A senhora não pode entrar" e ela ia dizer ao Guilherme que eu trava ela mal. Aí ela levou o cachorro para televisão, e o cachorro vinha em mim. Aí eu sai correndo e o cachorro saiu correndo atrás de mim, aí eu sacaneando com o cachorro, aí eu subi as escadas, lá no primeiro andar tinha uma sacada, o cachorro correndo atrás de mim e fiz que pulava e voltei e ele passou (*risos*). Ele abriu os beijos. Vou dizer mesmo a única advertência que eu tenho foi verbal. Eu disse: "Eu não empurrei não". Ela disse que eu tinha empurrado. "Empurrei não, ele caiu porque quis". (*risos*) E outra foi a marreca dela que era ensinada entrou no meu carro. Entrou porque quis. Ela foi fritada lá no Bar do Gerbô como tiragosto, a marreca dela, né? Aí eu fui chamado: "Rapaz você quase mata o cachorro da mulher e comeu a marreca dela", aí eu disse: "Guilherme eu não fiz nada, o cachorro pulou por que quis e a marreca eu abri a porta ela entrou, então.."

Alessandra - E na Rede Manchete teve alguma?

Belmino - Não, na Manchete, não. O Guto (*Augusto César Benevides, superintendente da Rede Manchete, hoje Rede TV! em Fortaleza*) hoje é um irmão que eu tenho uma grande figura e foi uma pessoa que me deu assim... uma mão na hora que eu estava numa situação profissional muito ruim. Porque mudou de governo, no Canal 5 mudou de diretoria e me tiraram do ar sem me avisar. E eu fiquei fora do ar. E o Guto foi fator importantíssimo (*com ênfase*) naquela hora que eu estava fora do ar e foi muito importante a minha ida para a televisão Manchete. E foi um pulo grande, porque você trabalhar numa estação educativa e ir para uma estação comercial o pulo é muito grande. Quer queira quer não, por mais que tenha audiência a estação oficial, a comercial dá de dez a zero. Chega nem aos pés. Então o Guto foi muito importante nesta época. É uma pessoa que eu quero muito bem, um amigo. O Guto não é um diretor, pra mim é um irmão. Quero muito bem ao Guto. Ele entrou numa hora boa. Nada que eu pedi a ele na Manchete eu deixei de ser atendido.

Arthur - Belmino, você fez praticamente tudo na televisão do Ceará. O que você ainda gostaria de fazer?

Belmino - Me aposentar com muito dinheiro, rapaz. Para ir para beira da praia e ficar mangando de vôcês na televisão. (*risos*)

Clarisse - O que você acha que já fez melhor na televisão? A Fátima Bandeira, professora da gente, falou que você foi o melhor diretor de TV do Ceará. Você já foi desde carregador de cabo até apresentador de televisão. O que você acha que fez melhor?

Belmino - Diretor de TV. Eu acho que eu fui um bom diretor de TV. Se eu tivesse ido para o Rio naquela época, hoje eu estava era fodido, né? (*risos*) Não, mas eu fui um bom diretor de TV. Eu acho que das funções que passei o melhor que fui foi diretor de TV.

Alessandra - Belmino, você trabalhou com seu irmão e as suas duas esposas também trabalharam junto com você. Eu queria saber como era esta relação de vida pessoal e vida profissional?

Belmino - Muito ruim, porque eu exigia muito. A gente brigava mu-

“(...)foi muito importante a minha ida para a televisão Manchete. (...) Quer queira quer não, por mais que tenha audiência a estação oficial, a comercial dá de dez a zero.”

to. Eu exigia... apesar de que, a Virgínia (*Vasconcelos*), a segunda, nunca foi apresentadora, eu mesmo reprovei. Mas a outra não, a outra era excelente, a Rejane (*Limaverde*). Rejane foi locutora do canal 2, tinha sido apresentadora. Pra você ter idéia no que estou dizendo, como eu tinha razão, a Rejane foi locutora na TV tupi do Rio. A Virgínia não, dava aula de matemática. Nós éramos cinco pessoas que escolhiam. E eu ainda não a conhecia. Quando ela foi fazer o teste, eu olhei e disse: "Homem, isto não sabe de nada, não, não presta não". Mas o pessoal da pedagogia achou (*boa*) e colocaram. Ainda hoje eu estou dizendo que ela é muito má apresentadora, para mim era. Eu continuava reprovando. Mas não era boa não.

Gildicelli - Teve um momento, eu acho que foi o mais difícil na sua vida, que foi quando você perdeu sua filha...

Belmino - Ah, foi, com doze horas de nascida.

Gildicelli - Como é que foi isso?

Belmino - Foi o pior momento pelo seguinte, porque quando ela teve o neném, meia noite, na Casa de Saúde São Raimundo e o médico disse que estava tudo ok e eu fui embora para casa. Fui para casa, não. Fui comemorar, fui tomar uns uísques e tal. Quando fui chegando em casa quatro e meia da manhã, a mamãe ligou dizendo que eu fosse no hospital. Quando cheguei no hospital, quando cheguei lá, a menina tinha morrido. Quer dizer, uma coisa muito... E o pior, não foi o fato da criança em si ter morrido, foi o fato de dizer a ela. Como é que você vai dizer? Aí eu esperei amanhecer o dia, para ir atrás de um médico que era ginecologista dela, para poder vir com ela. Chamar a mãe dela, para ir junto da mãe dela, com o pai, as irmãs. Para poder dar aquela sustentação pra situação dela, que ela estava certa que a filha estava no berçário. Então foi uns dos piores momentos da minha vida. Foi meio brabo.

Arthur - Como é que foi que isto afetou a relação de vocês? Porque dois anos depois vocês se divorciaram.

Belmino - Eu acho que foi preponderante nisto. Depois houve um acidente de carro também, que morreram dois irmãos dela, isto no espaço de quinze dias depois. Então foi muita coisa em cima da outra, não é? E a gente era muito novo na época e ficou assim meio solto a coisa. Eu acho que foi por aí que a coisa começou desandar.

Arthur - Até hoje, você se dá bem com ela?

Belmino - Muito, muito minha amiga, mora em Brasília hoje, é minha amiga.

Alessandra - Belmino, o material coletado pela produção você diz que o seu estilo ele dá certo porque o povo gosta da verdade, que verdade é esta?

Belmino - Quando eu digo que o goleiro do Ferroviário é fuleiro é porque ele é fuleiro mesmo, eu não fico enganando, geralmente eu digo a verdade, e eles gostam das pessoas que dizem a verdade.

Mauro - Belmino, essa linha de apresentação como a do o Ratinho, o Leão... você disse que isso vai passar e que vai voltar a televisão comum, como é essa televisão comum?

Belmino - A televisão comum seria hoje o Fantástico, seria Sílvio Santos, seria as besteiras do Gugu, seria a televisão comum. Que vai surgir durante o trajeto da televisão, porque tudo isto é moda. Esta moda

A entrevista durou cerca de uma hora e meia. Como estávamos numa segunda-feira, Belmino bebeu apenas água e café, enquanto os alunos tomaram refrigerantes.

do Ratinho surgiu nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos é que tem este negócio. O programa do João Soares, tem um programa na TV a cabo que é igual, até a caneca é igual. É copiado de lá. Tem aquele mesmo estilo. Tem até um conjunto também, né? Igual, igual, que é cópia de lá. Os ratinhos da vida foram feitos lá. Como é uma cópia também esses jornais que surgiram, eu soube que o do O Povo papocou, né? Fechou né? (Ele se refere ao jornal Hoje da empresa jornalística O Povo) Por quê? Porque surgiu na Europa, principalmente na Inglaterra aquele tipo de jornal. Porque o poder aquisitivo do povo é outro, rapaz. Então lá sai jornal de dez em dez minutos. A princesa quebrou a bunda. Aí sai lá um jornal com a bunda da princesa. Aí a negada compra. Aí daqui a duas horas: o príncipe é baitola. De novo o príncipe é baitola. Mas aqui não pegou, aqui não pegou. São determinadas imitações que dão certo num canto. Outras não dão. Eu soube há poucos dias que o do POVO já voou, né? O do Diário do Nordeste não cai fora porque o grupo lá é muito grande, né? (Ele se refere ao Jornal da Rua, produzido pelo grupo Edson Queiroz) Tem muito dinheiro ali para segurar aquela barra. Mas eu acredito que este estrondoso de programa hoje... Pegadinha, tu achas que vai agüentar mais dois anos de pegadinha? A tendência é se acabar. Pegadinha vai se acabar também, vai acabar também como acabou... vai acabar os ratinhos, vai continuar a televisãozinha feijão com arroz e durante este tempo vai acabando as pegadinhas e vão surgindo outras coisas que vão passando e vão saindo e assim é a vida. A vida é assim mesmo.

Arthur - Belmino, seu próprio programa mudou enquanto era Manchete Esportiva ele era ainda um programa puramente de esporte, depois passou a ser programa do Belmino e passou a mesclar as entrevistas com jogadores e personalidades da cidade. Por que houve esta mudança?

Belmino - Porque eu notei que o futebol, principalmente o futebol cearense caiu totalmente. O futebol cearense está perto de desaparecer. E eu comecei a notar que eu poderia atingir outra faixa de público das pessoas que não gostavam de futebol. Então comecei a fazer entrevista com pessoas independentes do futebol. E tem dado certo. Eu acho que é outra faixa de outro público.

Arthur - Como é a tua preparação para este tipo de programa? Porque a gente vê que você chega em cima da hora, senta e faz as entrevistas. Tem muita confiança na tua equipe de produção? Ou já é combinado as pessoas que você vai entrevistar e você se prepara antes?

Belmino - Não. No dia anterior eu digo que quero conversar... Eu digo "Convide o Arthur." Aí a Carmem (Lúcia, produtora do programa) liga para o Arthur. Eu sei mais ou menos qual é o assunto. Quando eu chego lá eu dou uma lida e vejo maí ou menos o qual é o assunto e dali de acordo com a primeira pergunta eu vou engatando a segunda, a terceira e a quarta e vou entrando. A não ser às vezes em que você se lasca. Eu pequei um físico uma vez. Desgraçado. Físico não sei das quantas. Aí eu disse: "Bicho, me mande umas perguntas aí

"Pegadinha vai se acabar também, (...) vai acabar os ratinhos, vai continuar a televisãozinha feijão com arroz e (...) vão surgindo outras coisas que vão passando (...) e assim é a vida."

que eu não entendo nada desta física e tal". Aí o cara me mandou vinte perguntas. Programa de vinte minutos. Canal 5. Aí eu fiz a primeira pergunta aí o filho de uma égua respondeu as vinte de uma lapada só. Aí eu fiquei olhando para cara dele assim (risos). Aí eu, pronto, pedi o intervalo, é? Como é que tu faz um negócio deste comigo, rapaz?"

Como eu fiz uma vez com o Virgílio Távora (ex-Governador do Ceará em dois períodos, 1963-1966 e 1979-1982, já falecido) fui querer graça com ele, fui fazer uma entrevista com ele e perguntei: "Governador, por que o senhor perdeu aquela eleição para o Parsifal Barroso, naquela época em mil novecentos e tantos e não sei mais o que?" Eu pensei que ele fosse passar uma duas horas falando. Ele olhou para mim e disse: "Menino, porque ele teve mais voto do que eu." Pronto (risos). Aí foi uma lapada grande como levei estas duas.

Gildicelli - Depois que você se separou da Rejane, você foi casado

com a Virgínia e teve três filhos...

Belmino - É. A Flávia, o Neto e o Marcos César.

Gildicelli - Como é o relacionamento com seus filhos?

Belmino - Ah é excelente. Tem um que mora comigo e o outro, o Marcos César é free-lance. A Flávia todo dia almoça lá em casa. A Flávia inclusive faz publicidade na Unifor (Universidade de Fortaleza, particular). Tentou fazer comunicação, acho que ela fez comunicação e não passou lá Federal (UFC), acho que foi. Ela faz na Unifor. E o Neto faz Psicologia para poder cuidar do pai, né, porque se não, eu estou lascado, né?

Arthur - Algum vai seguir a carreira do Pai?

Belmino - Eu tenho a impressão que o mais novo tem uma tendência grande de fazer rádio e televisão.

Galciani - Você apóia?

Belmino - Eu não me meto mais não. Eu não me meto mais não. Eu fui me meter com a Regina Flávia e quebrei a cara. Foi chato. Eu fui explicar para ela, quando ela foi fazer comunicação na Federal, ela veio falar comigo e eu disse para ela que ela não devia fazer. Devia fazer Direito, que o campo é maior. Que eu não queria que ela passasse pelas repórteres que eu vejo passar. Aí vem aquela história que eu disse que antigamente se ajudava e hoje não se ajuda. O exemplo que eu vejo, nada contra ninguém, que eu vejo aqui: você passa quatro anos numa faculdade de comunicação, estuda pra caralho, de repente você chega na estação de televisão, pega um diretor merda que nunca entrou... não sabe distinguir um gravador de um rádio portátil, e bota para trabalhar. A repórter quando está lá, feriado, dia de Natal, dia de ano. Pega um motorista de ressaca, fedendo a cachaça, um cinegrafista metido a besta. É você ganhando uma miséria. Pô, isso é uma merda. Aí eu fui dizer isso a ela. Aí ela olhou para mim disse que: O senhor diz tudo isso, mas o senhor dia de domingo meio-dia, de ressaca, vai trabalhar na Rádio Assunção. Aí eu me fodi, né? Aí eu disse: Um a zero pra você, você tem razão. Vou mais achando bom. Então eu acho, hoje, que você deve fazer uma coisa que você goste. E eu não me meto mais não.

Arthur - Como é que eles convivem com o fato de serem filhos do Sebastião Belmino, conhecido na cidade inteira como homem brincalhão?



Extrovertido na frente das câmeras, Belmino se revela um homem tímido e sentimental fora do ar, e diz que seu lado alegre e brincalhão serve para encobrir suas emoções.

Apesar da fama de boêmio, cultivada ao longo dos anos, Belmino garante que só bebe e fuma uma única vez por semana, às sextas-feiras.



A bebida preferida do apresentador é o uísque. Ele diz que não gosta de cerveja e que quando não bebe uísque toma somente caçaça Colonial.

Belmino - Eles levam numa boa. É ruim quando eles não sabem quando eu estou falando sério ou balela, não é? O relacionamento da gente é muito legal, assim, de amigo. Mas eles... é bom, o relacionamento é muito bom. Lá em casa não tem essas frescuras de dizer que fulano é famoso. Que fulano é isso, não, não tem não, é tudo igual. Acho legal. Não tem frescuras não.

Galciani - *Belmino, o que é que o Belmino fuleiro esconde?*

Belmino - Ah sou chorão pra caralho que você nem imagina! Choro como diabo, rapaz! E tem uns amigos meus, que quando a gente tá bebendo, eles começam a contar as histórias eu começo a chorar. Eles dizem: "Pronto, roubaram a merendeira do Belmino..." Mas sou chorão. Sou altamente chorão, sou emotivo. Só não me apaixono com facilidade mais porque não tenho mais idade. Porque tem hora que a gente começa se mancar, né? Mas eu sou muito emotivo, sou chorão e morro de pena das coisas. Se eu vejo uma coisa fico com pena.

Alessandra - *E o que te faz chorar?*

Belmino - Ah, rapaz. Saudades dos meus filhos quando eu estou em casa só. É... deixe eu ver mais... saudade de uma ex-namorada, uma música que me toca. Aí me dá vontade de chorar, eu sou muito besta... Uma decolagem de um avião, eu acho bonito, eu me emociono. Um bom telefonema de um bom amigo: "Belmino, eu estou com saudade de você", eu me emociono, eu acho legal. Eu posso não ter sido bom marido para ninguém, mas bom pai, bom amigo, eu sou primeiro lugar. Aí não tem ninguém melhor do que eu não.

Clarisse - *Belmino, as sextas-feiras são sagradas para boemia e pra bebida. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.*

Belmino - Eu só bebo e fumo dia de sexta-feira. Durante a semana eu não gosto de sair de casa não, porque eu gosto de beber pra me melar, não gosto de beber (*pouco*)... acho bonito, o cabra que chega no canto, toma duas cervejas e faz: "Duas cervejas e a conta". Eu só bebo pra me melar. Então sexta-feira é o dia que eu saio, saio com meus amigos, saio para um barzinho. Fico conversando na noite até duas, três horas da manhã. Sábado venho tirar a ressaca aqui nesta praia (*do Futuro*), fico deitado ali dentro, como uns caranguejos, aí começa a semana de novo.

Daniel - *Quando você está na*

boemia o que você mais gosta é contar histórias. Você também é conhecido como um grande contador de histórias. Você já contou inclusive história de bode, de pato, de cachorro, que história engraçada que você pode contar pra gente?

Belmino - Meu círculo de amizade que eu ando é bem diversificado. Eu tenho um grande amigo. Gostaria que até ficasse registrado também que é o Beto, o Herbert (*Castelo Branco*), que é o diretor da Colonial, meu amigo de infância. Este é sagrado a gente se encontrar todos fins de semana. Porque é muito bom você conversar as coisas e ter platéia, né? Então tudo que eu digo ele morre de rir. Ele gosta das minhas besteira e me dá corda. E outra coisa que eu converso muito é o pessoal da aviação. Eu tenho um amigo, Sérgio Neto, que é comandante da VASP, quando ele vem a Forta-

“Não existe punição,
porque o boi é um salário
(...) só não está na carteira
porque ninguém tem
coragem de botar. Mas é
normal, é comum existir
boi. (...) Eu nunca recebi.”

leza, quase todo fim de semana e a gente sai. Eu gosto de falar de avião, ah, de avião eu... falo três dias de avião. Eu dou o maior valor falar sobre avião. E gosto de falar de amenidades. Agora política não discuto de jeito nenhum. Que acho tudo uns merdas. Pra mim tudo são iguais. Não vou perder meu tempo falando de política, nem de político. Acho tudo uns...

Patrícia - *E de futebol?*

Belmino - Tenho horror a futebol, tu acredita que eu tenho horror a futebol? Nunca mais fui nem a um estádio. Gosto não.

Galciani - *E o Ferroviário?*

Belmino - O Ferroviário é para enganar a torcida (*risos*).

Amauri - *Durante a pré-entrevista, você abordou a questão do boi - o dinheiro que o radialista ou jornalista esportivo recebe para falar bem de um time. Qual seria a punição para o boi?*

Belmino - Punição? Não existe punição porque o boi é um salário, é... só não está na carteira porque

ninguém tem coragem de botar. Mas é normal, é comum existir boi. Eu sempre gosto de dizer: eu nunca recebi. Mas não foi por outra coisa, mas porque nunca me ofereceram, tenho impressão que eles me acham caro. (*risos*) Que os caras olham e tal. Já receberam vizinho a mim e eu espio assim e os caras... ou eu não valho nada ou sou muito caro. Não, é que eles me respeitam muito. Porque não admito nada. Eu estou na mesa com algum dirigente, a gente está bebendo, quando é na hora da conta, eles querem pagar, eu digo: "Negativo, você paga a sua que eu pago a minha", toda vida foi assim. Mas, hoje o boi é comum, agora digo que o boi não é só no meio esportivo não.

Eu não conheço um repórter político que ande ônibus, eu não conheço um colonista social que more numa casa de porta e janela. Eu acho que o boi é muito maior na área política e na área social do que na área esportiva. Porque na área esportiva, você tira o chefe da equipe, que vive mais ou menos, mas o resto tudo é fodido. Não tem nenhuma condição de sobrevivência. Ou então, na área política e na área social é boi e na área coisa é carneiro porque deve ganhar bem menos. Se vocês conhecerem um cronista político que ande de ônibus, me digam. que eu não conheço nenhum. Nunca vi um cronista social andando de ônibus, morando no Lagamar. Todos eles moram no melhor lugar do mundo. Ali é que o boi corre.

Amauri - *Você acha natural esta prática?*

Belmino - Pra mim... problema deles, eu não recebo. Se mandarem pra mim, eu divulgo. Divulgo e devolvo. Se for pouco. Se for muito, devolvo não. (*risos*).

Galciani - *Belmino, voltando mais para o Belmino homem, Belmino pessoa, você disse na pré-entrevista que era muito tímido que só frescava quando conhecia alguém. A gente está notando aqui que você está muito descontraído, está brincando com todo mundo. Você, na verdade, aqui só conhece o Arthur, o Daniel e o Ronaldinho...*

Belmino - Você acha pouco? Ele dá a maior moral (*aponta para o professor Ronaldo Salgado*).

Galciani - *E a timidez?*

Belmino - Ela melhora. Também não sou tão fuleragem assim, pelo amor de Deus (*risos*)... Eu fico meio... mal feito de corpo (*risos*). Mas as perguntas foram bem encaminhadas.

Um momento marcante da carreira de Belmino aconteceu em 1982. Ele foi o primeiro repórter a chegar ao local do desastre do avião da VASP na serra de Pacatuba.

das dentro daquilo que foi programado, né, então facilita a coisa. E o papo saiu legal. É diferente... Eu não gosto de ir para programa de ninguém porque é chato. Eu estou devendo uma visita ao Dilson Pinheiro (apresentador do programa *Ceará Caboclo, da TVC*) há seis meses e eu não tenho coragem de ir por lá.

Gildicelli - *Você é um grande contador de histórias, qual a história que ainda não aconteceu na tua vida que você gostaria de contar?*

Belmino - Égua, aí é foda! Não sei, não... seqüestro (quase gritando) de um avião ia ser um barato, né? Acho que um seqüestro. Eu ia achar legal. Tenho certeza que eu fazia amizade com este seqüestrador.

Arthur - *Eu acho que para encerrar esta entrevista, qual a história que você queria que contassem do Belmino?*

Belmino - Que eu fui sempre um bom caráter, que eu sempre tentei ajudar todos aqueles que passaram perto de mim. Dizendo isto já estou satisfeito. Pronto. Valeu negada. (risos)



No ano passado, Belmino recebeu a medalha Ayrton Senna da Câmara Municipal de Fortaleza em reconhecimento ao serviços prestados ao esporte.